



Artigo

Ser professor da educação especial: experiência narrada e vivida (no hospital e) na classe hospitalar

A special education teacher: narrated and lived experience (hospital and) hospital class

Hiram Pinel¹, Jaqueline Bragio², Marcio Colodete Sobroza³

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória-ES, Brasil

Resumo

O presente estudo teve como objetivo descrever compreensivamente o sentido de ser professor da classe hospitalar desvelando as experiências e relações existenciais da escolarização de crianças hospitalizadas. Método: foi realizada uma pesquisa qualitativa de fundamentação fenomenológica. O período da coleta dos dados foi entre os meses de setembro a novembro do ano de 2018. O cenário da pesquisa foi a Classe Hospitalar de um Hospital Público Infantil do Estado do Espírito Santo. Participou da pesquisa uma professora que atua por um período de 10 anos nessa Classe Hospitalar. Para produção dos dados recorremos ao depoimento livre, no seu ambiente de trabalho. O desvelar dos fenômenos e tratamento dos dados resultou em três Guias de Sentidos: 1) Ser Professora da Educação Especial em uma Classe Hospitalar; 2) (Com)Vivendo com a morte e a dor na Classe Hospitalar; 3) Hospital e Escola: como se entrelaçam? Conclusões: o estudo mostrou a importância de conhecermos as histórias de vidas dos docentes, enquanto pertencentes a esse espaço escolar dentro de um hospital, pois a compreensão das ações, estratégias e experiências vividas nesse ofício, colaboram na continuidade e melhoria dos processos de ensino-aprendizagem aos alunos hospitalizados.

Abstract

The present study aims to describe comprehensively the sense of being a teacher of the hospital class, revealing the existential experiences and relationships between schooling and inclusion of hospitalized children. For that, a qualitative research of phenomenological foundations was carried out. The data collection period was between September and November of 2018. The research scenario was in Hospital

¹ Professor titular aposentado da UFES. Coordenador do Grupo de Pesquisa: Fenomenologia, Educação (Especial) & Inclusão. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8540-6653> E-mail: hiranpinel@gmail.com

² Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Enfermeira da Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo. Áreas de Pesquisa: Saúde da criança e do adolescente; educação e saúde. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6515-1748> E-mail: bragio.jaqueline@gmail.com

³ Doutor em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Professor de Educação Física do Instituto Federal do Espírito Santo. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2266-8565> E-mail: marciocolo@hotmail.com

Class of Public Children's Hospital of the State of Espírito Santo, Brazil. The subject was a teacher who has 10 years of experience in the educational attendance to student-patients in this class. For the data production we use free testimonial speeches in your work environment. The unveiling of the phenomena and data treatment resulted in three Sense Guides: 1) Being a Special Education Teacher in a Hospital Class; 2) Dealing with death and pain in the Hospital Class; 3) Hospital and School: how are they interlinked? The study showed the importance of knowing the life histories of teachers, while belonging to this school space within a hospital, because the understanding of the actions, strategies and experiences lived in this office collaborate in the continuity and improvement of teaching-learning processes for hospitalized students.

Palavras-chave: Educação, Classe hospitalar, Educação especial, Pedagogia hospitalar.

Keywords: Education, Special education, Class hospital, Teaching hospital.

Introdução

A primeira classe hospitalar registrada no Brasil está localizada no Hospital Menino Jesus no Rio de Janeiro, e suas atividades acontecem desde o ano de 1950 (ROLIM; GOÉS, 2009). No cenário atual do país existem inúmeras classes hospitalares registradas e, em funcionamento, no entanto, ainda hoje é possível observar as dificuldades e os desafios que as equipes enfrentam para sua manutenção.

A Classe Hospitalar (CH), segundo a Política Nacional de Educação Especial, se define como:

Ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar (...) as classes hospitalares devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos matriculados em escola da Educação Básica, contribuindo para o retorno e reintegração ao grupo escolar, desenvolvendo um currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando o posterior acesso à escola regular (BRASIL, 2001, p. 4).

Muitos estudos abordam a importância do atendimento realizado dentro das classes hospitalares para o desenvolvimento e recuperação da saúde das crianças e adolescentes internados (FONTES, 2005; ORTIZ; FREITAS, 2005; XAVIER, 2013; RAMOS, 2016). Os professores que atuam nas classes hospitalares desempenham um papel fundamental e para exercerem seu ofício precisam conhecer as rotinas, dependências e particularidades do ambiente hospitalar, assim como ter acesso a informações prévias, como, por exemplo, saber da condição de saúde dos alunos a cada dia antes do início da aula.

Dessa forma, concordamos com Menzani et al. (2017) quando aborda a importância do conhecimento do professor para além da formação de ofício, ou seja, o professor deve “planejar condições eficazes de aprendizagens e saber lidar com as particularidades sem maiores dificuldades” (p. 110). A situação vulnerável dos alunos trazida pela hospitalização nos mostra o quanto a saúde e educação podem (e devem) caminhar juntas em favor da garantia dos

direitos à Educação e à Saúde, direitos estes estabelecidos pela Constituição Federal de 1988.

Portanto, é de suma importância conhecermos as experiências dos professores que atuam nas classes hospitalares, por meio das histórias de vida, desvelando as práticas realizadas em seu cotidiano vivido, em toda a sua complexidade. Diante do exposto, o objetivo do presente artigo foi descrever compreensivamente o sentido de ser professor da classe hospitalar desvelando as experiências e relações existenciais entre a escolarização e inclusão de crianças hospitalizadas.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de fundamentação fenomenológica. Nesse tipo de pesquisa, nosso foco é a compreensão da essência do fenômeno que se revela,

[...] o fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra do modo atento e que percebe isso que se mostra nas modalidades pelas quais se dá a ver no próprio solo em que se destaca como figura de um fundo. A figura, delineada como fenômeno e fundo, carregando o entorno em que o fenômeno faz sentido (BICUDO, 2011, p.30)

A pesquisa fenomenológica compreende o ser humano enquanto um ser no mundo, na situação de estar-ser-sendo presente e presença no mundo vivido (PINEL, 2000). A pesquisa qualitativa é utilizada na área da educação por permitir ao pesquisador realizar um recorte epistêmico, selecionando o real do que é realmente significativo para analisar no estudo (BAUER; GASKELL, 2002).

O cenário desse estudo foi a Classe Hospitalar de um Hospital Estadual Infantil no Estado do Espírito Santo. O hospital oferece atendimento a um grande número de crianças e adolescentes do Estado. É uma instituição de referência no tratamento de doenças de média e alta complexidade, como por exemplo, cirurgias cardíacas e problemas ortopédicos.

O sujeito participante deste trabalho, foi uma professora que atua na classe hospitalar desse hospital desde a sua inauguração, há 10 anos. A escolha da entrevistada foi por considerar o seu tempo de atuação (e vivência) dentro da mesma classe hospitalar, o que poderia nos revelar significativas histórias durante todo o seu percurso profissional. Além desse fator, a professora escolhida possuía o maior tempo de atuação nesse ambiente entre os docentes da classe hospitalar dessa instituição. Sua participação foi voluntária e livre, e sua identidade foi mantida em sigilo, por este motivo também não foi revelado o nome do hospital. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em seres humanos, sob o número 2.264.080, após a anuência e assinatura do respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pela participante.

Em conformidade com o método da pesquisa fenomenológica utilizamos para a produção dos dados uma questão disparadora: “Qual o sentido de ser professora de classe hospitalar de um hospital infantil?”. Não foi estabelecido

limite de tempo para a entrevista e a participante pôde narrar sua vivência livremente.

A coleta de dados foi realizada durante a nossa permanência no local de trabalho da participante, utilizando um gravador de voz, restrito ao uso da transcrição posterior dos dados para a pesquisa. A transcrição do depoimento foi fidedigna ao narrado, também de forma literal, ou seja, apontando os momentos de emoção ou silêncio da depoente. O período de coleta dos dados foi entre os meses de setembro a novembro do ano de 2018.

Para a análise dos resultados buscamos encontrar a revelação das essências do fenômeno, ou seja, visualizamos a beleza de cada parte do discurso dentro da sua individualidade, procurando fazer uma leitura dos fragmentos relevantes na descrição da experiência, significado e estrutura do fenômeno, revelando assim as essências individuais (MOUSTAKAS, 1994).

3. A compreensão fenomenológica dos sentidos desvelados

O desvelar dos fenômenos e tratamento dos dados resultou em três Guias de Sentidos: 1) Ser professora da Educação Especial em uma classe hospitalar; 2) (Com)vivendo com a morte e a dor na classe hospitalar; 3) Hospital e escola: como se entrelaçam?

3.1 Ser professora da Educação Especial em uma classe hospitalar

Em 2002 o MEC (Ministério da Educação) publicou um documento na tentativa de organizar os sistemas educacionais nos espaços hospitalares e domiciliares. Nas Classes Hospitalares cada professor deve ter uma formação pedagógica, preferencialmente especialista em Educação Especial “[...] ou em cursos de pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos” (BRASIL, 2002, p.23). Nesse sentido, observamos a complexidade desse tipo de ofício, o que demanda do professor um olhar numa perspectiva da compreensão da sua história de vida e o seu cotidiano como mostrado no depoimento da professora: *“eu me formei em 1993, graduação em pedagogia, com ênfase em séries iniciais, magistério. Tenho cinco especializações. Fiz para abrir as oportunidades de trabalho (...)”*.

Podemos destacar, a partir da narrativa da professora, o seu engajamento e preocupação com a sua formação para o desempenho do seu ofício. Para tanto recorreremos à teoria de Viktor E. Frankl, um psicólogo judeu que viveu por três anos nos campos de concentração. A teoria de Frankl foi se consolidando durante o período que ele permaneceu no holocausto do aprisionamento, quando ele ajudava seus pares, conseguindo fazê-los resgatar a esperança: o sofrimento ganhava sentido, tornando-se suportável. Assim, nasceu a logoterapia. Logoterapia é a psicoterapia centrada na busca pela pessoa de um sentido de vida. Nessa pesquisa estamos interessados no conceito frankliano de *ser humano* e não na abordagem terapêutica e suas técnicas. Para Frankl a visão do homem é percebida como positiva, responsável e consciente, acreditando na capacidade do homem em encontrar o sentido da vida, denominado como a “Vontade de Sentido”.

Analisando o discurso da professora, trazemos também o enfoque da educação como papel importante para as crianças e adolescentes internados, especialmente quando ela é percebida e praticada de forma humanizadora. A contribuição da Educação no ambiente hospitalar vai para além da construção de processos de ensino-aprendizados, ou da formação de ser humano/cidadão. A educação contribui para a busca do sentido de vida, trazendo a esperança e ressignificação da existência para o professor e para os alunos da classe hospitalar, como é possível visualizar no discurso em destaque:

Quando apareceu a oportunidade de trabalhar em um hospital pensei: 'meu Deus, dar aula em hospital, trabalhar com aluno internado, doente, como será isso?' [nesse momento ela põe a mão para cima da cabeça e passa sobre o rosto demonstrando um aspecto de euforia e angústia como se estivesse lembrando o momento daquela ligação, então se arruma na cadeira, procurando uma nova posição confortável e continua sua narrativa]. Será que vou ter um lugar para eu fazer o planejamento dentro do hospital? Será que as crianças vão gostar de mim? Será que terá outras disciplinas, professores? Eram muitas as perguntas que passavam pela minha cabeça. Apesar de todo o medo eu decidi aceitar o desafio, com o coração na garganta eu fui trabalhar no dia seguinte.

O depoimento acima demonstra que, apesar do medo do desconhecido, a professora faz a escolha de tentar seguir, de experimentar o novo. O ser humano descobre o sentido da vida quando experimenta que é capaz de dar algo ao mundo e, descobre que além de dar, ele pode receber algo. A preocupação com o ser humano na sua existência concreta, no seu cotidiano vivido, com o desejo de encontrar um significado para a própria vida, traz contribuições importantes para essa pesquisa, em especial no que tange as relações construídas no cotidiano escolar, entre os professores e alunos, em primeiro lugar está o ato de existir. A partir de suas experiências as relações com o mundo que ele vive, vão se criando e recriando e, decidindo.

O docente que atua em classes hospitalares se vê mergulhado na amplitude de possibilidades e de um acontecer múltiplo e diversificado. Esse acontecer não deve se aprisionar em enquadramentos, pois quando a criança/adolescente está doente, a ação do professor precisa ser bastante cautelosa para que o aluno não acabe se distanciando ainda mais do estudo. E a professora expressa esse sentimento:

(...) todos os dias passo a rotina de conferência de alta e permanência do aluno. Verifico junto à equipe de saúde a situação, limitação e condição, tento entender como foi o dia anterior do paciente, se está com febre ou dor, se dormiu bem, verifico se o aluno deseja ir a CH ou se prefere o atendimento individual, tento na medida do possível, respeitar a subjetividade, motivando sua ida à classe, para interação com os demais alunos. Mas existem aqueles alunos que não podem vir a CH, fazem atividades no próprio leito. Assim, penso que todos os alunos precisam ser enxergados por nós professoras como um ser único, compreendendo e sendo sensível para sua condição, oferecendo um atendimento individualizado. É dessa

forma que realizo (ou tento realizar) meu planejamento semanal, considerando um dia de cada vez, aluno por aluno, história por história (...).

Pensar na rotina escolar que se faz presente no ambiente hospitalar é desafiador, podemos visualizar no discurso as particularidades exigidas em cada caso atendido por esta professora. Especificamente tratando da classe hospitalar o professor, antes de chegar à criança, deve conhecer sua história por meio do seu prontuário, precisa também saber suas limitações fisiológicas, se podem se deslocar até a sala ou se o atendimento deverá ser ofertado no leito, precisa ainda planejar e escolher o material mais “adequado” a ser trabalhado com aquele aluno naquele dia.

O professor, na sua socio-historicidade, é visto como mediador do processo de ensino-aprendizagem. Corroborando com Paulo Freire, que nos convida a pensar uma educação libertadora e criativa,

Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos (FREIRE, 2015, p. 41).

Pelo relato da professora, existe uma tentativa de aproximar e compreender o aluno como um ser no mundo. A professora pode fazer suas escolhas para adequar o real ao necessário, dentro de uma especificidade, com humanização, não restringindo, mas ampliando as possibilidades. Acompanhamos isso no próximo recorte do seu depoimento:

Trabalhar aqui me realiza enquanto profissional e ser humano. Aprendo muito com eles a cada dia, e eles comigo, sinto e vivo essa troca de aprendizado, temos uma prática baseada na liberdade e no respeito. O aluno pode participar de tudo, dentro da sua limitação, condição e desejo de estar ali.

O ser professora de uma Classe Hospitalar, na visão da entrevistada, nos convida a pensar nas relações mediadas pelo afeto, confiança em um clima humanizado, ressignificando os processos de ensino-aprendizagem, marcados pelo diálogo entre aluno e professor. Para Freire (2014), essa educação é

[...] possível para o homem porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto o leva à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito da sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. (p. 34)

A realização pessoal, relatada no depoimento da professora, se entranha no amor pelo labor que exerce e nas relações construídas nesse ofício. Compreendemos esta busca do homem por um sentido de vida, como uma motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de

impulsos instintivos (FRANKL, 2008). Viver significa fazer o melhor possível das circunstâncias e possibilidades de uma situação. É responder pelo sentido da vida, sendo sua direção, seu movimento norteador, que leva o ser humano à sua vida com significados, dando a possibilidade para o indivíduo ser livre e responsável. Outro desejo encontrado na narrativa da professora é o sentimento de estar em um trabalho que possibilita aos alunos internados a inclusão:

A educação especial, por exemplo, nós temos alunos público alvo da educação especial. Essa semana estou atendendo um cadeirante, ele faz suas atividades aqui na salinha junto com os demais alunos, sem nenhuma dificuldade de acesso, está tudo adaptado para as necessidades dele. Aqui muitas crianças utilizam a cadeira de roda para se locomover dentro do hospital, por causa das suas doenças, mesmo que por um curto período (um mês, quinze dias ou mais). Isso aproxima muito as crianças, elas literalmente se colocam no lugar do outro, entendem o que o outro está vivendo, então as diferenças não são um problema para elas. Aqui quase todas as crianças que atendemos precisam de alguma adaptação para sua limitação (temporária ou permanente).

O sentido da Educação Especial, narrado por ela, apresenta inúmeras interfaces que motivam o ser humano enquanto ser existente. Ramos (2016) apresenta o desafio da discussão da temática da escolarização dentro das CH, em especial para os grupos de pesquisa sobre Educação Especial pois reforçam a relevante necessidade de ir a fundo sobre esse espaço de aprendizado, conhecendo suas práticas, atuação e formação dos docentes, assim como a implementação e o acompanhamento dos trabalhos lá realizados.

É preciso tentar compreender o sentido da educação na vida do homem e, em especial, como uma educação que acolhe a todos e a todas, independente de suas necessidades educativas especiais, para isso torna-se necessário se colocar no lugar do outro, sempre com empatia e cuidado.

Qualquer que seja o modelo epistemológico de um sistema educativo – uma tendência pedagógica mais tradicional ou mais progressiva – a educação cumpre sua vocação formativa quando oferece perspectivas vitais e uma interpretação mais unitária do mundo, de modo que o sujeito da educação nele encontre seu próprio lugar e seja capaz de responder às demandas de sentido que a vida lhe apresenta (MIGUEZ, 2015, p. 10)

Na nossa compreensão, ser professora de uma Classe hospitalar poderá se revelar como esse ser mediador do conhecimento, entrelaçando suas experiências [sentidas] vividas, se desvelando em todas as possibilidades humanizadoras e de acolhimento dos alunos que frequentam as classes hospitalares.

3.2 (Com)vivendo com a morte e a dor na classe hospitalar

Ter um professor (e uma classe escolar) dentro de um hospital é um trabalho diferenciado, envolve dedicação, sentimento, empatia, sensibilidade, limitações, dor, sofrimento e morte, como podemos ver presente no discurso:

A morte de um dos alunos me marcou profundamente, senti um vazio, pensava como era passageiro o sofrimento e eterna as lembranças vividas. Trabalhar com crianças morrendo não é uma tarefa fácil.

O sofrimento narrado pela professora está presente (e marcado) no seu dia a dia, mas cada um, ao seu modo, aprende e dá um significado frente a essa experiência com a dor, sofrimento e/ou morte. Frankl (1991) cria o termo “sentido da vida”, justamente para se opor ao seu cotidiano mortal e deprimente. Mesmo diante de situações trágicas os seres humanos são capazes de encontrar forças para enfrentá-las. Dessa forma, diante das adversidades, devemos encontrar um “sentido de vida” extraindo experiências positivas, acreditando no potencial humano de transcender do caos através do amor, do trabalho ou do sofrimento inevitável.

É aqui que encontramos o tema central do existencialismo. A vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar sentido na dor. Se há, algum modo, um propósito na vida, deve havê-lo também na dor e na morte. Mas pessoa alguma pode dizer à outra o que é este propósito. Cada um deve descobri-lo por si mesmo, e aceitar a responsabilidade que sua resposta implica. Se tiver êxito, continuará a crescer apesar de todas as indignidades (FRANKL, 1991, p. 8).

A dor e o sofrimento ganham outro sentido, o de transcendência. Ultrapassar as condições adversas que se apresentam em nós e no ambiente que vivemos ou trabalhamos, requer um significado para tentar conduzir essa vivência caótica. Assim, o sofrimento pode significar ação, crescimento, desenvolvimento e amadurecimento. Situações extremas colocam à prova nossa existência de ser. O homem é o único dotado de consciência do sofrimento e da morte que se colocam à sua frente. Quando falamos em sentido da vida, provocamos a busca pelo anseio que nasce no peito por encontrar algo ao qual se dedica em fazer, alguma coisa pela qual valha a pena dar a vida, e encontramos isso no depoimento:

No começo eu entrava naquele banheirinho ali para chorar. Até hoje ainda fico muito sentida com a perda dos alunos. (...) é muito sofrimento ver isso, crianças morrendo, criança não deveria sofrer. Hoje eu já consigo compreender que cada um tem o seu tempo, tem criança que vai ter alta e voltar para sua casa, sua rotina, sua escola, seus amigos, mas, infelizmente, terão outras que não voltarão. (...) Algumas vezes reclamamos das condições do nosso ofício de uma escola regular, mas

deveríamos reconhecer que lugares como esse, nos enriquecem as experiências e valores, a vida e ao sofrimento.

Pela compreensão do discurso da professora, a morte no ambiente hospitalar traz um sentimento de tristeza, incapacidade e desesperança, relacionado a este sofrimento inevitável. Mas ao aceitarmos o desafio de conviver (“viver com”) com ele, devemos, com bravura, seguir o ‘sentido da vida’, não excluindo a inevitabilidade do sofrimento, mas aprendendo com ele a seguir literalmente até o fim “(...) em outras palavras, o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir o sentido potencial do sofrimento inevitável” (FRANKL, 1991, p. 102). Numa situação dessas, é fundamental o trabalho do professor dentro das classes hospitalares, tentando a cada atendimento transcender à dor e levar a leveza, afeto, conhecimento e humanização ao ser aluno dentro dessa classe.

3.3 Hospital e escola: como se entrelaçam?

Os direitos à saúde e educação, são garantidos na Constituição (1988); no entanto, efetivar sua implantação vem sendo bastante discutido entre alguns autores (CECCIM, 1997; PAULA; ZAIAS, 2010; MATOS; MUGIATTI, 2006; WOLF, 2007). Historicamente o hospital sempre foi visto como o ambiente para ‘cura’ e reabilitação do paciente doente. A desconstrução desse conceito e, a consequente criação de um novo olhar voltado para atendimento do indivíduo dentro da sua integralidade, um ser biopsicossocial ainda é um desafio para todos os envolvidos. É possível visualizar no depoimento da professora alguns dos desafios a serem enfrentados pelos professores da classe hospitalar:

Eu sinto que algumas vezes nós professoras somos excluídas da equipe de saúde. Não por eles, mas pelo processo de uma forma geral. O cuidado com a saúde é carro chefe, como se fosse o único direito da criança e do adolescente internado, mas esquecem que a educação também é um direito que deve ser assegurado ao aluno internado que está impossibilitado de ir à escola regular.

Observamos que no cotidiano vivido por alguns professores das CH, o sentimento de exclusão está presente. O direito a saúde é imperador quando comparado à necessidade educacional do aluno hospitalizado, que muitas vezes fica como segundo ou terceiro plano, ou algumas vezes até suspenso. Os professores da classe hospitalar não se sentem, por vezes, pertencentes à “equipe de saúde”, e o desempenho do seu trabalho educacional junto aos alunos hospitalizados, ainda hoje precisa ganhar destaque em relação a sua relevância:

De uma forma geral a equipe de saúde aqui nos respeita, sabe do nosso trabalho, ajuda e incentiva o aluno a participar das atividades educacionais, mas algumas vezes observamos uma falta de compreensão e ajuda por parte de alguns profissionais, que até atrapalham, dizendo para a criança não sair do quarto enquanto o remédio não acabar. Enfim, falta para eles a sensibilidade de compreender o papel da escola para a vida

desses alunos internados. O nosso trabalho aqui é a educação, o cuidado com a saúde é parte da equipe de saúde, mas um completa o outro.

O sentimento de “não reconhecimento” da importância do trabalho educacional para recuperação da saúde dos alunos internados esteve presente no discurso da professora entrevistada. Alguns estudos como Rocha (2012); Mazer-Gonçalves (2013) e Ramos (2016) trazem contribuições importantes sobre a atuação do professor e suas práticas pedagógicas dentro das classes hospitalares, pois as trocas das experiências e as ações de ensino-aprendizado dos alunos hospitalizados potencializam a recuperação da condição de saúde, além de promover as relações mediadas por diálogos entre os docentes e equipes de saúde. Schiller (2000, p.105) reforça ainda que “[...] caberia aos profissionais de saúde, junto aos professores, preparar o terreno para o retorno à escola e aos amigos”. Portanto, durante o período de internação tanto os profissionais da equipe de saúde como os professores da classe hospitalar, poderão (e deverão) trabalhar em favor da recuperação da condição da saúde, incluindo todas as necessidades humanas básicas (e educacionais) dos alunos durante sua permanência no hospital, preparando-os para seu retorno à vida fora do hospital, quer seja à família, sociedade e escola.

Em alguns momentos, observamos um desejo da professora da classe hospitalar em se aproximar da equipe educacional da escola regular de origem do aluno internado:

Todo ano nós fazemos uma exposição dos trabalhos realizados com os alunos internados lá na escola de origem do aluno. Os colegas de profissão começam a entender um pouquinho do que fazemos aqui na classe hospitalar. Quando o aluno é internado ligamos para a pedagoga da escola de origem do aluno, apresentamos nosso trabalho da classe hospitalar, explicamos que o aluno está internado, e que precisamos saber o conteúdo que está sendo aplicado na escola até antes da internação. Vamos trabalhando as atividades elaboradas dentro da classe hospitalar até chegar o material que a escola envia (quando envia). Tem escola que não sabe da existência dessa modalidade de atendimento, e não enviam atividade. Relatam que, quando o aluno voltar, a escola passará o conteúdo perdido durante a internação. No entanto, tem muita escola que participa ativamente, que valoriza e mantém o diálogo conosco. Quando o aluno recebe alta ele leva tudo que realizou na classe hospitalar, juntamente com sua ficha cadastro, relatórios, frequência diária, o atestado médico e o relatório com a descrição dos conteúdos que trabalhamos durante seu período de internação. Muitas escolas dão valor ao nosso trabalho, às vezes ligam elogiando, dizendo que foi um trabalho bacana, que aproveitaram muita coisa. Ter a valorização e participação da escola de origem do aluno internado é fundamental para nós, nos motiva a continuar na caminhada diária.

Na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) o professor para atuar na classe hospitalar deve ter na sua formação (inicial e continuada), conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Assim, estaria mais preparado para atuar na modalidade de atendimento especializado e interdisciplinar que acontece nas classes hospitalares. No entanto, o que percebemos no relato da professora é que muitos professores ainda desconhecem a legislação que recomenda e assegura o atendimento educacional dentro dos hospitais [e em domicílio], e que tais atribuições e ofícios ainda parecem ser velados, precisando de aproximações entre os pares, com objetivo de articular as ações, tanto nas classes hospitalares quanto na escola de origem do aluno.

Contudo, apesar da legislação amparar e regular a modalidade de atendimento da CH, o que verificamos no cotidiano é um número crescente, mas ainda pequeno das classes hospitalares registradas, sendo 155 classes registradas (excluindo atendimentos voluntários, curso de extensão ou realizados por Organizações Não Governamentais - ONG) no ano de 2015 pelo território brasileiro (RAMOS, 2016). Alguns estudos apontam também a necessidade de divulgação da temática das classes hospitalares, tanto na produção científica quanto para conhecimento desse tipo de modalidade de atendimento pedagógico no Brasil (FONSECA, 1999, 2003, 2008; MATTOS; TORRES, 2010).

Considerando que cada aluno é único e se encontra em situação peculiar em relação ao processo de adoecimento, a escola e classe hospitalar devem manter um canal de comunicação, na tentativa de minimizar os fatores estressores vividos durante o tratamento da doença, reconhecendo as atividades que foram desenvolvidas durante o período de hospitalização, para que quando o aluno retornar à escola de origem, sinta-se acolhido, confiante e confortável para dar continuidade aos conteúdos e processos de ensino-aprendizagens.

4. Considerações finais

A Classe hospitalar no Brasil está especialmente ligada a um projeto de humanização do atendimento educacional na área da saúde, em busca de garantia do direito à educação para todos os alunos hospitalizados. Portanto, conhecer as histórias de vidas dos professores que atuam nas classes hospitalares, enquanto pertencentes a esse espaço-tempo, torna-se relevante para compreensão das estratégias, processos de trabalho e experiências vividas nesse ofício tão sensível, humanizador, acolhedor e transformador.

A realização desta pesquisa fortalece o Estado da Arte enquanto temática da Classe hospitalar, revelando os grandes desafios para a manutenção das classes, quanto em aproximar às práticas pedagógicas realizadas nas classes hospitalares às teorias ensinadas na academia durante a formação do ser professor, assim como o desafio grandioso de tentar promover uma aproximação dialógica entre os profissionais que atuam nas escolas regulares e os professores que trabalham dentro das classes hospitalares.

Destacamos, também, a importância de mobilizar novos estudos tanto no campo da educação, quanto no campo da saúde, para buscar olhares para as experiências e vivências que acontecem dentro das classes hospitalares. Precisamos conhecer e reconhecer os desafios, dificuldades e experiências exitosas que acontecem em outras classes hospitalares, além de empoderar os professores que atuam nas classes, ajudando a desvelar novas possibilidades e ações pedagógicas para o exercício de seu ofício dentro de um hospital.

Por fim, salientamos que o atendimento pedagógico educacional que acontece nas classes hospitalares ainda é precário, e merece atenção e valorização da sociedade, e especialmente do poder público, para estabelecer investimento financeiro, técnico e político necessários. Compreendemos que desvelar as práticas pedagógicas e as experiências vividas pelos professores neste contexto pode ser uma ferramenta inspiradora e motivadora para a manutenção do ofício nesses espaços tão importantes na vida de cada aluno hospitalizado.

Referências

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica.** São Paulo: Editora Cortez, 2011. p. 11-28.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília, DF: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações.** Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC/SEESP, 2002.

CECCIM, Ricardo Burg. Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida. In: CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança hospitalizada: a atenção integral como escuta à vida.** Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 27-41.

FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Educação e Pesquisa.** n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** São Paulo: Memnon, 2008.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** São Paulo: Memnon, 2003.

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 29, mai./jun. 2005.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido:** Um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, Viktor Emil . **Psicoterapia para todos.** Petrópolis: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 36. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia do oprimido.** 59ª ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis: Vozes, 2006.

MATTOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion (org.). **Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar:** novos cenários, novos desafios. Curitiba: Champagnat, 2010.

MAZER-GONÇALVES, Sheila Maria. **Construção de uma proposta de formação continuada para professores da classe hospitalar.** 2013. 178f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

MENZANI, Rosana Maria; REGUEIRO, Elisa Maria Gatti; LEIVA, Juliene de Cassia. Ser criança na classe hospitalar: a dimensão psicológica na interface educação e saúde. **Revista Brasileira Multidisciplinar.** 20v, nº 1, p 106-117, julho 2017.

MIGUEZ, Eloisa Marques. **A educação em Viktor Frankl:** entre o vazio existencial e o sentido da vida. 2015. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MOUSTAKAS, Clark. **Phenomenological research methods.** Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar:** Caminhos Pedagógicos entre saúde e educação. Santa Maria: UFSM, 2005

PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira; ZAIAS, Elismara. A produção acadêmica sobre práticas em espaços hospitalar análise de teses e dissertações. **Revista Unisinos**. 14v. nº 3, p.1-11. Set-dez, 2010. Disponível em: (<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/701/129>). Acesso em: (15/03/2020)

PINEL, Hiran. **Educadores de rua, michês e a prevenção contra as DTS/AIDS: uma compreensão**. 2000. 232f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

RAMOS, Maria Alice de Moura. **Classe hospitalar: processos e práticas educativas pela humanização**. 2016. 142f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2016.

ROCHA, Simone Maria da. **Narrativas infantis: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar**. 2012. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós Graduação em Educação. Natal, 2012.

ROLIM, Carmem Lúcia Artioli; GÓES, Maria Cecília Rafael de. Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 35, n. 3, pp. 509-523, set./dez. 2009.

SCHILLER, Paulo. **A vertigem da imortalidade: segredos, doenças**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. **Pedagogia Hospitalar: a prática do pedagogo na instituição não hospitalar**. 3. ed. 2007. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3836/5842> Acesso em: 10/10/2020.

XAVIER, Thaís Grilo de Moreira et al. Classe hospitalar: Produção do conhecimento em saúde e educação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, vol. 19, n. 4, p. 611-622, out./dez. 2013. Disponível em: (https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-65382013000400010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 01/10/2020.

Enviado em: 09/abril/2019 | Aprovado em: 09/outubro/2020